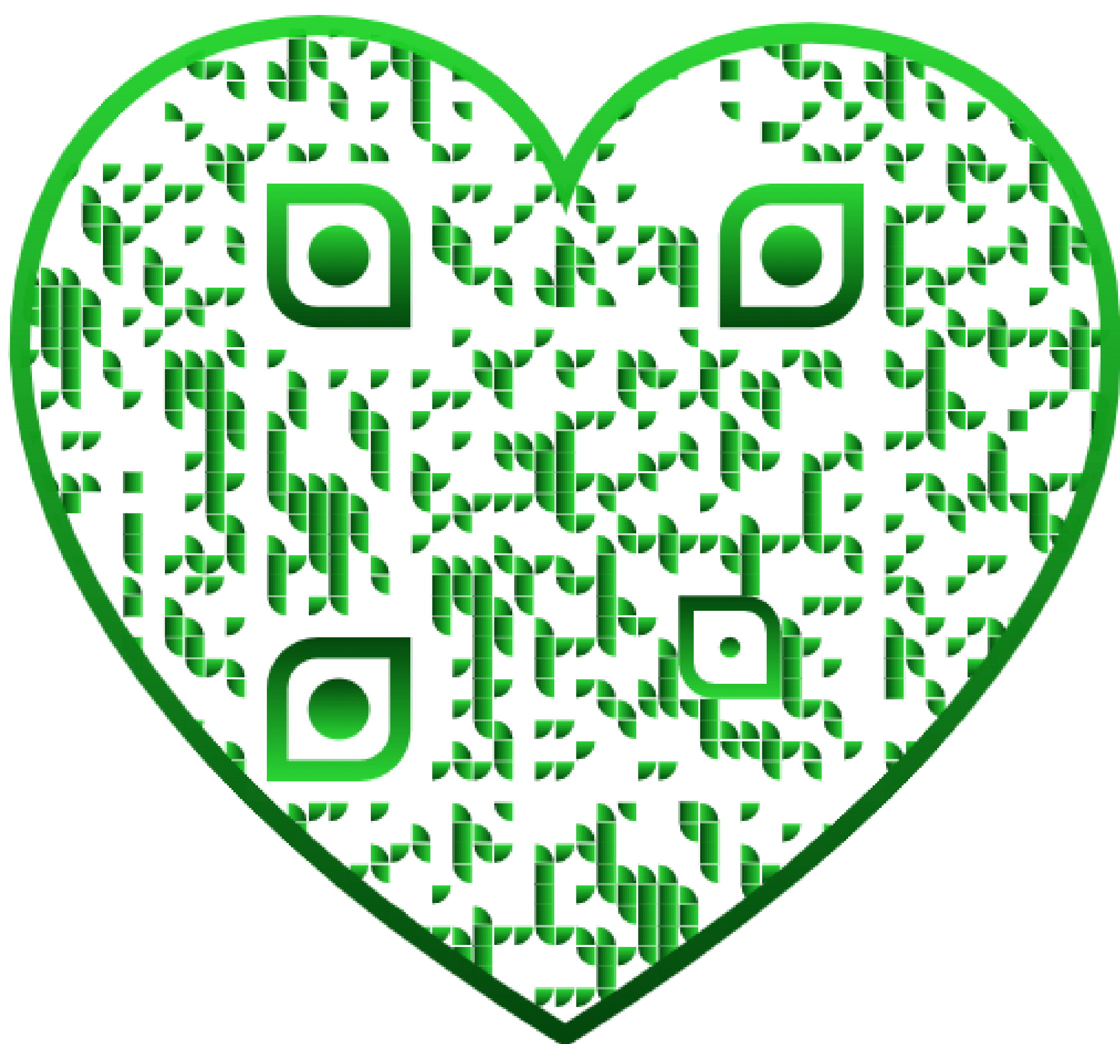
- JACQUELINE BAPTISTA -

Retalhos DA Mente



Retalhos da Mente

PARTE I

Estávamos indo para um lugar lindo. Um lugar que eu amava passar as férias: Rio Grande do Sul na cidade de Cachoeira do Sul. Meus avós moram lá. Estava indo com meus pais de carro para visitá-los. Meu pai dirigia, minha mãe sentava no banco do carona olhando a paisagem lá fora com a janela aberta e seus cabelos vermelhos ao vento. Ela era linda e, junto com meu pai, formavam o casal mais bonito que eu já conheci. Viviam como se ainda fossem namorados de escola. Até os nomes pareciam combinar: Pedro e Susana. Meu nome é Amanda e eu tenho 18 anos. Faço faculdade de Psicologia em São Paulo e moro com meus pais lá.

- Pedro, você quer que eu dirija um pouco? – perguntou minha mãe.

- Não, querida. Quando fizermos a próxima parada a gente troca.

- Pai, põe a nossa música para tocar. Não tem graça viajar sem ela.

- Você quem manda!

Continuamos a viagem ao som de Legião Urbana, nossa banda favorita. Estávamos chegando na divisa do estado, quando o pior aconteceu. Um caminhão foi fazer uma ultrapassagem e perdeu o controle. Meu pai tentou desviar, mas era tarde demais. A ultima coisa que pude ouvir e também a única que consigo me lembrar foi a música tocando no fundo: *E os motores sairam ligados a mil / Pra estrada da morte .... / Só deu para ouvir, foi aquela explosão*
/ E os pedaços ... pelo chão.

- Amanda, Amanda.

- Jéssica. O que faz aqui? Onde eu estou? – Jéssica era minha prima que morava perto dos meus avós.

- Identificaram você e seus pais e aí entraram em contato comigo. Vocês sofreram um acidente na estrada.

- Ai, minha cabeça dói. Onde estão meus pais? Eles estão bem?

- Se acalme, prima. Falaremos disso depois, quando você estiver melhor. Ok?

- Não, Jéssica. Me fala, onde estão meus pais?

- Eles, é... Bem, eles... O caminhão bateu bem de frente com eles e... Bom, é... Eles não resistiram.

Depois de ouvir essa notícia, não ouvi mais nada. Acordei na cama do

hospital, três dias depois totalmente sem forças, sem vontade de fazer qualquer coisa até mesmo melhorar. Meu estado foi piorando gradativamente e eu não saía do hospital.

Fui transferida para o hospital de São Paulo e alí fiquei por meses. Entrei em um estado de depressão profunda. Perdi minha família e meus melhores amigos. Por que eu continuaria a plajenar um futuro? Não fazia sentido.

Jéssica se mudou para São Paulo para cuidar de mim e, todos os dias, ela dizia que eu tinha que melhorar, que não podia me entregar dessa maneira.

- Vamos, sai dessa cama e vai dar uma volta.

- Jéssica, eu não quero sair.

- Mas você vai sair. É uma ordem!

- Está bom, está bom.

- Assim que eu gosto. Mais tarde eu volto para passar a noite aqui com você.

- Não precisa. Eu estou bem sozinha.

- Ai, o que eu vou fazer com você, Amanda? Até mais.

Fui andar pelo hospital e me sentei no jardim embaixo de uma árvore, bem isolada. Fechei os olhos e senti o vento batendo em meu rosto e o som do vazio. As lágrimas começaram a escorrer pelo meu rosto e, como costumava acontecer depois do acidente, desabei e chorei.

- Ei, por que uma moça tão linda como você está chorando? - ouvi uma voz do meu lado. Uma voz grossa e imponente de um homem. Virei para o outro lado, pois não queria que ninguém me visse chorando.

- Não é nada. Vai embora. Eu quero ficar sozinha. - houve um silêncio e eu achei que ele havia ido embora. Me virei para ver e ele estava sentado ao meu lado me olhando com um olhar doce e um sorriso no rosto.

- O que está olhando? Não me ouviu dizer para ir embora?!

- Ouvi sim, mas preferi ficar. Qual o seu nome? - não respondi.

- Meu nome é Eric.

- Por que não vai visitar seus parentes Eric?!

- Não vim visitar ninguém. Eu sou médico. - eu o olhei de novo e vi que estava usando jaleco e roupas brancas.

- Hum... Então por que não vai cuidar dos seus pacientes?

- Por isso estou aqui.

- Não sou sua paciente.

- Não, mas vi todas as vezes que estava chorando sozinha no quarto ou quando fugia para sua prima não ver que estava chorando... Amanda.

- Por que se importa?

- Fiquei curioso. E senti uma vontade enorme de... fazer algo.

- Não preciso de caridade, obrigada!

- Não quero fazer caridade. Quero ver como é o seu sorriso. Ver se você fica tão linda feliz quanto está agora.

Ele chegou mais perto e enxungou meu rosto com um lenço que tirou do bolso da camisa. Eric era alto e tinha cabelos pretos, e olhos castanhos. Era muito bonito e possuia um rosto simpatico e carinhoso. Ele trabalhava na área de ortopedia, cuidando dos pacientes que precisavam de algum tipo de recuperação física por causa de algum acidente ou cirurgia muito séria. Ele estendeu a mão para mim:

- Vamos dar uma volta. - relutei, mas peguei sua mão e fui com ele.

Andamos pelos corredores olhando os pacientes.

- Esse é o senhor Gomes. Ele era chofer de um homem muito rico da cidade. Ganhava um ótimo dinheiro, tinha casa, comida, tudo pago. Sofreu um acidente quando foi levar o carro do patrão no concerto e está em recuperação, mas não vai voltar a trabalhar.

- Por que não?

- Porque o senhor para quem ele trabalhava não quis esperar até que ele se recuperasse. Já até arrumou outro para ficar no lugar dele. Ele não tem família e nem onde ficar. Então ele vai ficando aqui no hospital, fazendo o tratamento bem devagar para ter um lugar que seja para passar a noite e comer.

- Que triste isso...

- É sim. Mas ele é uma das pessoas mais felizes, animadas e motivadas daqui. - continuamos andando e ele foi apresentando outros pacientes. - Aquela ali é a senhora Mendes. Por causa da idade, perdeu os movimentos das pernas e a filha não quer mais saber dela e mandou fazermos o que bem entendêssemos dela. Chegou a insinuar que déssemos veneno para ela não atrapalhar mais.

- Meu Deus! Que pessoa horrível!

- Pois é. Depois que ela melhorar, já arrumamos uma casa de repouso para ela ficar mais a vontade e confortável.

- Já entendi... Está tentando fazer com que eu me sinta uma idiota por

chorar pelos meus pais.

- Não, não estou. Estou só mostrando que você tem muito o que viver ainda. Se nem essas pessoas que já estão idosas, já viveram muito mais do que você não desistem, por que você desisitiria? Eles não tem ninguém. Foram abandonados por todos. Você tem sua prima que está do seu lado todos os dias, que não desiste de você; tem seus avós... Por que acha que sua vida acabou? Tenho certeza que eles não iriam querer que você parasse desse jeito com todos os seus planos, todos os seus sonhos.

- Você não entende...

- Entender o que?

- Eles eram tudo para mim...

- E você era tudo para eles. Nunca iriam querer que você desistisse. - fiquei em silêncio. Lá no fundo, eu sabia que ele tinha razão, mas aquilo me doía tanto...

- Olha, eu sei que doi... Vamos fazer assim, hoje você vai jantar comigo e nós falaremos sobre coisas boas, falaremos sobre o futuro! Sobre nossos planos e sonhos. Combinado?

- Mas eu não posso sair.

- Eu peço uma comida e a gente senta do jardim e fazemos um piquinique. O que acha?

A alegria dele era contagiante e o olhar hipnotizador. Acabei dizendo sim. Liguei para Jéssica e avisei que ela não precisava vir essa noite.

- Como assim, vai jantar com um médico?

- Ele trabalha aqui e me chamou para jantar. Nada de mais. Está tentando ser educado.

- Tentando ser educado, sei.... Aproveita muito então, prima. E depois, me conte cada detalhe do seu encontro.

- Não é um encontro! Não vou a encontros, Jéssica.

- Claro, claro. De qualquer maneira me conte. Ok?

- Tudo bem.


Retalhos da
Mente
PARTE II

Eric foi ao meu quarto e bateu na porta como se estivesse indo me buscar em casa. Fomos para de baixo da árvore que nos conhecemos, ele estendeu uma toalha na grama e colocou as coisas em cima.

- Não sabia do que você gostava então pedi comida japonesa. E como você não pode beber nada alcólico, trouxe um suco de laranja com acerola.

- Como conseguiu fazer isso? Não é proibido entrar outro tipo de comida no hospital?

- É, mas eu tenho meus truques. – ele piscou um olho para mim e lançou um sorriso lindo. Eu ri dele e percebi que não sorria havia muito tempo.

- Está rindo? Isso é bom! Então estou alcançando meus objetivos, finalmente. - fiquei tímida e olhei para baixo.

- Sabe, cada vez que te olho, mais eu acho você linda.

Ficamos quase a noite toda ali, conversando e se divertindo. Ele me contou que morava no Rio de Janeiro quando era criança e depois de ter se formado na faculdade, decidiu vir para São Paulo e começou a trabalhar no hospital. Contei para ele sobre meus planos e antigos sonhos. Coisas que nem eu me lembrava. Depois de terminado o nosso pequeno jantar, voltamos para meu quarto.

- Bem, senhorita, já está entregue.

- Você é divertido. Obrigada por tudo.

- Foi um prazer. Agora você só tem que melhorar e nós poderemos sair de verdade. Até amanhã, Amanda. – ele me deu um beijo no rosto que fez todo o meu corpo tremer.

Todos os dias, Eric vinha me visitar várias vezes e, quando tinha tempo, ia conversar comigo e ver o meu progresso no tratamento da depressão. Conversava com o médico responsável por mim e sempre me levava flores. Com o tempo, um sentimento enorme crescia em mim até que descobri que eu o amava. No mês seguinte, eu tive alta e pude voltar para casa.

- Vai me ver hoje à noite? – perguntei a Eric antes de deixar o hospital.

- Claro que vou.

- Então, até mais tarde.

Esperei por ele ansiosamente. Fiz um jantar com todas as coisas que eu sabia que ele gostava, com vinho e velas. Ele chegou pontualmente às 9 horas, de terno preto, flores e uma caixa de chocolate.

- Caramba! Você está linda!

- Você também está muito lindo e elegante. Entre. – deixei-o passar e levei-o até a mesa que havia montado.

- Nossa você caprichou em tudo! Está lindo!

Jantamos e depois fomos para a sala e sentamos no sofá. Ele abriu a caixa de chocolate e me deu um bombom na boca. Nessa hora, o clima entre nós mudou. Ele me olhou de uma maneira intensa e profunda, foi se aproximando do meu rosto. Eu podia sentir sua respiração quente e minha própria respiração ficou ofegante. Seus lábios molhados e suaves tocaram os meus e nós nos beijamos. Entrelaçamos um nos braços do outro, ele me pegou no colo, perguntou o caminho e me levou até meu quarto. Deitou-me na cama e acariciou todo o meu corpo com suavidade. Eu estava toda arrepiada. Nunca havia me deitado com ninguém, era tudo novo para mim e ele fez tudo ser perfeito e mágico como sempre imaginei que seria.

- Eu te amo, Eric.

- Também te amo, minha doce Amanda.

Depois de horas nos amando e sentindo um ao outro, deitamos, eu me recostei em seu peito e dormimos. Na manhã seguinte, tomamos café e ele foi trabalhar. Voltava todos os dias e nos amávamos todas as noites e nos divertíamos com filmes e, às vezes saíamos para dar uma volta no parque. Nos finais de semana, íamos caminhar pela manhã ou ao cinema, ou saíamos para jantar.

- Por que essas pessoas olham tanto para a gente?

- Meu amor, não ligue para isso. É porque elas podem sentir o quanto nosso amor é forte. Isso sempre atrai olhares curiosos. Todos querem encontrar o amor verdadeiro e nós já o temos.

- Você é um doce, Eric. Sempre faz com que eu me sinta importante e feliz. Eu te amo tanto! Não faz ideia de como minha vida mudou por sua causa. Voltei para a faculdade, tenho planos e, o mais importante: tenho você.

- Que bom que te faço bem, minha linda. Você também me faz muito feliz. Mas eu tenho algo muito importante para te dizer. – ele tirou uma caixinha do bolso e abriu. – Quer casar comigo?

- Oh, Eric. É claro que eu quero, meu amor.

Eric levou suas coisas para minha casa e nós passamos a viver juntos. Começamos a preparar o casamento. Eu me tornei a mulher mais feliz e realizada do mundo! Era pura alegria! Liguei para Jéssica, que havia voltado para Cachoeira do Sul, para dizer sobre o casamento.

- Você nem me apresentou esse médico ainda.

- Vai conhecê-lo no casamento. Prometo.

Seis meses depois, cheguei em casa da faculdade. Era o dia em que Eric chegava mais cedo do hospital e ele sempre arrumava o almoço para nós.

- Amor, cheguei. Amor? Eric, onde você está? – andei pela casa toda procurando por ele e nada. Fui até nosso quarto, não o achei ali, mas encontrei um papel em cima da cabeceira que estava escrito: *Para Amanda Silvano Oliveira.*

Peguei o papel e li.

Minha Querida Amanda,

Quando achar isso, significa que não voltará a me ver. Não achará mais minhas coisas no seu armário...

Corri desesperada até o guarda-roupa implorando para não ser verdade o que lia, porém, quando o abri, ele realmente estava vazio. Não havia mais nenhuma roupa nos cabides ou nas gavetas. Tudo havia simplesmente desaparecido. Aos prantos, fui ler mais para tentar descobrir o motivo por ele ter ido embora assim de repente. Que eu me lembrasse, não havíamos nos desentendido ou nada parecido.

Não verá mais minha foto nos porta-retratos ou sentirá meu cheiro no travesseiro...

Olhei para a foto que tiramos na roda gigante no parque que veio à cidade no mês passado e só havia eu na foto. Comecei a me descontrolar, não conseguia entender como isso tudo era possível e porque estava acontecendo.

Quando se lembrar das nossas caminhadas no parque, de como sempre acabávamos caindo na grama comigo lhe fazendo cócegas, vai reparar que ria sozinha e brincava sozinha e, era feliz sozinha.

Todos os sonhos e todas as suas conquistas, você planejou e as conquistou sozinha. Tudo o que compartilhou, fez consigo mesma, meu amor...

Me lembrei das caminhadas e das crianças rindo de mim e das vezes que fomos a algum restaurante e todos nos olhavam diferente: "- *Por que essas pessoas olham tanto para a gente?*

- *Meu amor, não ligue para isso. É porque elas podem sentir o quanto nosso amor é forte. Isso sempre atrai olhares curiosos. Todos querem encontrar o amor verdadeiro e nós já o temos."*

- Não, não, não! Não é verdade, não pode ser verdade! Nosso amor era verdadeiro! Você é verdadeiro, Eric! – esbravejei sozinha jogada na cama e olhei para a carta.

Desculpe por tudo, minha Amanda. Mas lhe peço uma coisa antes de desparecer para sempre: Não me espere. Simplesmente não me espere, pois nunca existi.

Entre soluços desesperados, pingaram gotas no papel e quando consegui enxergar entre as lágrimas para ver aquela letra que um dia foi do homem que amei, pude perceber que, o que estava escrito, havia subitamente mudado. Agora, porém estava o seguinte:

Tratamento de Depressão

Antitricíclico ________________ tomar 5x ao dia.
Monoamina oxidase__________ tomar de 6 em 6 horas.
SSRI______________________ tomar todas as noites antes de deitar.

Dr. Gonçalves

- Uma receita de médico? Não, mas e a carta? Onde está?! Onde está?! Não, não!

- Coitada? Como isso aconteceu? – perguntou o policial.

- Ela se jogou da janela do quinto andar. – disse o perito.
- É, nada é fácil de entender mesmo.
- Pois é... esse mundo está perdido. Como ela se chamava?
- Amanda.